

FAZENDO GÊNERO NA MEDIEVALÍSTICA: ENTREVISTA COM ANDRÉIA CRISTINA LOPES FRAZÃO DA SILVA

MAKING GENDER IN MEDIEVALISTICS: INTERVIEW WITH ANDRÉIA CRISTINA LOPES FRAZÃO DA SILVA

Prof. Dr. Marcelo Pereira Lima¹

Universidade Federal da Bahia

Desde as décadas de 80 e 90, o pressuposto de que a vida social estava, ao lado de outras dimensões interpretativas, conectada às diretrizes de gênero fez parte da crítica feminista ao androcentrismo dos saberes científicos que imperava em várias esferas de conhecimentos, dentre as quais se encontravam a Psicologia, a Literatura, a Sociologia, a Antropologia, a Ciência Política e, claro, a própria História.

Como já é sabido, por um lado, o gênero era visto fundamentalmente como sinônimo de “mulher”, termo tomado no seu sentido singular, distintivo e essencial, servindo às(aos) estudiosas(os) e militantes nos debates e críticas aos determinismos biológicos dos papéis sexuais, das desigualdades, das discriminações, das subordinações e dos silêncios na história e na historiografia. Sem dúvida, esse primeiro investimento tem o mérito importante de transformar as esparsas referências às mulheres – as quais eram usualmente apresentadas como a exceção, a nota de rodapé, o desvio incompreendido da regra masculina – em algo central para a análise histórica. Segundo essa perspectiva, as mulheres precisavam tornar-se visíveis e dizíveis tanto nos planos social e político como também na esfera do discurso científico. Por outro lado, nas duas últimas décadas, em especial no âmbito da historiografia anglo-saxônica, embora não exclusivamente, as novas pesquisas, as críticas e as autocríticas feitas pelos e aos Estudos de Gênero fizeram com que as investigações feministas

¹ Marcelo Pereira Lima é professor adjunto IV da Universidade Federal da Bahia. É doutor em História pela Universidade Federal Fluminense e pós-doutor pela Universidade de Salamanca. Juntamente com o Prof. Dr. Marco Aurélio Oliveira da Silva, coordena o Laboratório de Estudos sobre a Transmissão e História Textual na Antiguidade e no Medievo (LETHAM-UFBA). Contatos: inperpetuum@uol.com.br; marcelopl@ufba.br.

burilassem suas abordagens teóricas, metodológicas e epistemológicas.

Esse complexo processo também contribuiu para o desenvolvimento da interação com outras disciplinas, viabilizou a pesquisa de temas ou dimensões históricas antes negligenciadas e permitiu igualmente que se questionasse a “vitimização” das mulheres ou, em outras situações, a sua “culpabilização” pelas condições sociais hierarquicamente subordinadas em que viviam. Sem dúvida, as novas abordagens aprofundaram as investigações sobre as relações dos constructos “homem” e “mulher”, “masculino” e “feminino”, “masculinidades” e “feminilidades”, tanto em sua dimensão de oposição binária quanto em outras possíveis (re)configurações históricas, ultrapassando as perspectivas meramente descritivas, alcançando visões mais relacionais e, claro, problematizando o próprio *mainstream* vigente no discurso dos saberes científicos.

Se é evidente as aproximações entre o campo da História e as abordagens que levam em conta as diretrizes de gênero, como fica a relação entre os Estudos de Gênero e a Medievalística contemporânea? Como este último campo da História se (des)articula com os novos horizontes teóricos e metodológicos propostos pelos Estudos de Gênero no Brasil? Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva tem uma visão estimulante e particular sobre o assunto. Formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde fez a graduação, o mestrado e o doutorado, ela é uma das mais promissoras pesquisadoras dedicadas em conectar crítica e sistematicamente os Estudos de Gênero, de matriz basicamente pós-moderna, ao campo da Medievalística brasileira. Andréia Frazão “faz gênero” não no sentido de adotar um modismo historiográfico vazio, passageiro e pouco consistente. Pelo contrário, cada vez mais, ela “tem feito gênero”, demonstrando coerência e continuidade desse esforço na elaboração de projetos de pesquisa, em orientação de novas gerações de estudantes na graduação e pós-graduação no âmbito do PPGHC-UFRJ, em textos acadêmicos, na organização de eventos, etc. Levando em conta o conjunto de sua obra, Andréia Frazão igualmente tem apontado as numerosas potencialidades analíticas dos Estudos de Gênero, mas, bem ao estilo de uma investigadora ciente de seus múltiplos pertencimentos e lugares de produção do discurso científico, tem destacado as dificuldades, limites e impasses que os Estudos de Gênero e os Estudos Medievais acarretam ao se aproximarem mutuamente.

Marcelo Lima: *Em primeiro lugar, gostaria que você falasse sobre sua trajetória intelectual. Como a Medievalística tornou-se parte da sua vida profissional?*

Andréia Frazão: Sou bacharel e licenciada em História pela UFRJ e desde a graduação me interessei pelos estudos de História Antiga e Medieval, em particular pelas análises sobre a história do cristianismo. No mestrado, também realizado na UFRJ, estudei os relatos de perseguição presentes na *História Eclesiástica* elaborada pelo bispo Eusébio de Cesareia, composta nas primeiras décadas do século IV. Foi quando surgiu o interesse pela hagiografia. No doutorado, também cursado na UFRJ, fiz uma mudança radical no recorte espaço-temporal de minhas pesquisas e decidi estudar vidas de santos elaboradas pelo clérigo castelhano Gonzalo de Berceo no século XIII. A opção por esta temática acabou por contribuir para que eu direcionasse meus estudos e pesquisas para o período medieval, em particular para a chamada Idade Média Central. Outro dado que foi decisivo para esta mudança do recorte espacial e temporal de minhas investigações foi aprovação, em 1992, em concurso público para a carreira docente na UFRJ para atuar no setor de História Medieval, que, no momento, havia se tornado uma área autônoma em relação à História Antiga na estrutura do então Departamento de História, hoje Instituto de História. É na UFRJ que desenvolvo atividades de ensino, pesquisa, extensão e orientação há cerca de 24 anos.

Marcelo Lima: *Quando começou a investigar o medievo, você já tinha interesse pelos Estudos de Gênero? Como e quando os Estudos de Gênero passaram a ser uma preocupação efetivamente acadêmica? Isso ocorreu antes ou depois do doutorado?*

Andréia Frazão: O meu interesse pelos Estudos de Gênero só surgiu alguns anos após a conclusão do doutorado. Meu olhar voltou-se para os Estudos de Gênero quando minha primeira orientanda de mestrado, quando eu ainda atuava junto ao PPGHIS da UFRJ, Valéria Fernandes da Silva, interessou-se pelo campo. Para acompanhar suas pesquisas e efetivamente orientá-la, comecei a estudar sobre o tema e me apaixonei! Em 2001, iniciei a primeira pesquisa no campo dos Estudos de Gênero, unindo meus conhecimentos anteriores no estudo de textos hagiográficos com as propostas teóricas relacionadas à categoria gênero.

Marcelo Lima: *Em um texto já clássico, Joan Scott, certa vez, disse que a categoria gênero serviu para que as feministas ganhassem legitimidade no meio universitário. Você acha que a academia ainda resiste aos Estudos de Gênero?*

Andréia Frazão: No que se refere ao Brasil, este quadro tem mudado, ainda que muito lentamente, nos últimos anos. Neste sentido, a despeito do crescimento das pesquisas, das publicações especializadas, eventos, etc., persiste, sobretudo entre os que não se dedicam ao campo, um desconhecimento sobre as diferentes perspectivas teóricas que a categoria/conceito gênero apresenta aos estudiosos. Assim, para muitos, os Estudos de Gênero se limitam a tratar de temas relacionados às mulheres e ao feminino, aspectos que ainda são considerados por muitos como periféricos no estudo das sociedades.

Marcelo Lima: *Se considerarmos o estado atual da Medievalística, quais os contornos dessa legitimidade?*

Andréia Frazão: O uso da categoria/conceito gênero, sem dúvida, ampliou-se nos últimos anos, sobretudo nos países anglo-saxões. No caso específico do Brasil, o quadro atual em muito se distancia do de 15 anos atrás, quando realizei um levantamento dos medievalistas que adotavam a

categoria/conceito gênero em suas pesquisas. Na ocasião, foram encontrados somente sete historiadores que haviam realizado trabalhos utilizando a categoria/conceito gênero. A crescente procura pelo Simpósios Temáticos que articulam os estudos sobre a antiguidade e o medievo com a categoria nas últimas edições do Seminário Internacional Fazendo Gênero e o aumento do número de trabalhos finais de graduação, mestrado e doutorado que empregam a categoria/conceito gênero apontam que houve, de fato, uma expansão numérica das reflexões e que o campo cresceu em legitimidade junto aos especialistas. Desta forma, defendo que os Estudos de Gênero, ainda que em pequeno número, contribuíram para consolidação do medievalismo brasileiro, com pesquisas originais e embasadas teoricamente.

Marcelo Lima: *Embora seja uma pergunta complexa para ser respondida em poucas linhas, já que corremos o risco de se cair em uma normatização conceitual rígida, como você entende a categoria gênero?*

Andréia Frazão: Meu entendimento sobre a categoria gênero fundamenta-se no pós-modernismo e parte das reflexões de Joan Scott e Jane Flax. Neste sentido, compreendo gênero como uma categoria de análise, o que permite múltiplas possibilidades interpretativas. Para mim, portanto, gênero não é um objeto de pesquisa que deva ser estudado por si nem um conceito fechado, que possui um significado único e transcendente, que deva ser contraposto a uma dada situação social para apreendê-la. Desta forma, continuo concordando com a definição de Scott: gênero é saber sobre as diferenças sexuais. Como a própria historiadora adverte, o foco desta definição está no termo saber, tal como é compreendido por Michel Foucault. Para este autor, o saber não é fixo nem uno e participa da complexa constituição das organizações sociais, em meio às relações de poder, no decorrer da História. Assim, os saberes não são ideias objetivas sobre algo, que são formadas antes da organização social, mas compreensões que a constituem e estão presentes nas relações sociais, nas subjetividades, nas práticas, nas normas, nas instituições, nos símbolos, etc. Ou seja, saber e organização social se fundem,

pois um não existe sem o outro. Na perspectiva teórica que adoto o gênero refere-se a um saber específico da organização social: as diferenças sexuais, o que compreende saberes sobre os corpos, as sexualidades, as identidades, os papéis sociais, etc. Logo, como saber, o gênero é construído cultural e historicamente. É, simultaneamente, uma categoria “vazia”, já que não possui um conteúdo fixo, e, ao mesmo, “transbordante”, pois a diferença sexual pode ganhar configurações diversas. Também é relacional, porque constitui e está relacionada aos diversos outros saberes/aspectos da organização social, de forma dinâmica, sem determiná-los. Mas Scott também ressalta que o gênero é uma forma primária de significar relações de poder. Minha interpretação sobre esta afirmativa é que o gênero é um saber no qual e por meio do qual são constituídas estratégias para submeter, disciplinar, dominar, reprimir, diferenciar, negociar, legitimar, etc.

Quando emprego a categoria gênero em minhas pesquisas busco priorizar o estudo das significações relacionadas aos saberes sobre a diferença sexual, analisando como ele socialmente é estabelecido, como é perpetuado cotidianamente, como institui sujeitos, como permeia as relações de poder, como constitui os símbolos, as práticas, as normas, as instituições, etc.

Marcelo Lima: *Você tem trabalhado com um projeto chamado Hagiografia e História, o qual reúne diversas linhas de investigação e um grupo de pesquisadores, formado por professores, graduandos e pós-graduandos de várias instituições universitárias. Um dos eixos tratados nesse projeto refere-se às articulações entre Gênero e Santidade. Do ponto de vista teórico-metodológico e epistemológico, como podemos pensar essa articulação?*

Andréia Frazão: Parafraseando Flax, os saberes sobre as diferenças sexuais estão presentes em todas as dimensões da vida social, ainda que não de forma única e determinante. Desta forma, o gênero é um saber que atravessa a composição dos textos hagiográficos, a veneração de determinados personagens, os critérios para considerar uma pessoa como santa, etc. Vejamos um exemplo. Gonzalo de Berceo, o autor castelhano do século XIII, já

mencionado, escreveu vida de santos, Emiliano e Domingo, e de uma santa, Oria. Comparando a morte dos santos que biografava, identificamos que elas são anunciadas, públicas, belas, serenas e apresentam uma conexão direta com a vida terrena dos protagonistas, dedicada a Deus. Porém, face à morte, Emiliano, Domingo e Oria são descritos com comportamentos distintos. Após uma vida longa, Emiliano e Domingo fazem exortações aos seus discípulos e morrem tranquilamente. Oria, com 27 anos, anseia pela morte, pois a considera uma garantia de sua vitória final contra o perigo do pecado. Tomada pela enfermidade, fica cada vez mais imóvel e impossibilitada de falar. Porém, quase sem forças, transmite oralmente as suas experiências espirituais para seu confessor, Munio, que, segundo o texto elaborado por Gonzalo de Berceo, fez o registro escrito. Ao entregar sua alma a Deus rende graças, certa de que conseguiu superar as tentações terrenas. Contudo, não entra imediatamente no paraíso, diferentemente de Emiliano e Domingo, cujas almas são levadas diretamente aos céus por anjos e recepcionadas por toda a corte celestial, recebendo seus galardões. Ou seja, as mortes dos protagonistas ganham sentidos particulares nas obras analisadas porque são atravessadas por saberes que concebem a diferença sexual como uma distinção entre homens e mulheres pautada na hierarquização entre eles: os homens eram vistos como superiores, líderes e mais próximos de Deus; as mulheres eram consideradas inferiores, mais fracas, passivas e, portanto, necessitando de guias. E como o texto de Gonzalo permite concluir, a santidade não era um fator que anulava tal ordenação.

Marcelo Lima: *Qual a receptividade desse tipo de pesquisa no Brasil?*

Andréia Frazão: Os estudos sobre a hagiografia e a santidade possuem uma boa receptividade no Brasil, dentro e fora dos meios acadêmicos. Esta receptividade pode ser explicada por vários fatores. Destaco dois. Em primeiro lugar, pelo potencial de diálogo interdisciplinar, sobretudo com a Teologia, História da Arte, Antropologia Religiosa, Ciências da Religião, etc. Em segundo, porque a veneração aos santos ainda é uma manifestação da religião oficial e

da religiosidade leiga cristãs muito presente no Brasil. Para sustentar esta afirmativa, destaco a investigação iniciada no dia 18 de janeiro de 2013, pela arquidiocese do Rio, com o objetivo de solicitar a beatificação de Odete Vidal de Oliveira, que morreu em 1939, aos 9 anos. A veneração a Odetinha, como é chamada entre os fiéis, já está difundida na cidade do Rio de Janeiro há décadas.² Em contrapartida, o olhar sobre a hagiografia e santidade medievais por meio da categoria gênero é recebido com reações diversas - curiosidade, espanto, negação – tanto nos ambientes acadêmicos quanto na sociedade em geral, pois as análises realçam aspectos que, por vezes, permanecem despercebidos, como a hierarquização entre os homens e mulheres, a despeito da santidade; o caráter corporal dos santos; as inconsistências dos relatos hagiográficos, etc.

ML: *O senso comum acadêmico associa o período medieval ao desenvolvimento de discursos e práticas altamente misóginas. Na sua pesquisa, a "superioridade" significa sempre "dominação"? Ou melhor, tendo em vista os aspectos assimétricos do gênero, podemos afirmar que a dominação é sempre masculina?*

Andréia Frazão: Em sociedades que concebem a diferença sexual como binária – homens e mulheres - e hierárquica – homens superiores e mulheres inferiores – um olhar geral e inicial pode induzir a uma resposta que concorde com a afirmativa de que a superioridade implica em dominação e que esta é sempre masculina. Contudo, quando rejeitamos o uso das dicotomias - tais como superior X inferior; dominante X dominado; masculino X feminino - como instrumento de análise, é possível perceber o quanto a organização social é repleta de descontinuidades, paradoxos, contradições, assimetrias, negociações, etc. Analisando sob esta perspectiva, não é possível afirmar que a dominação é uma constante social que é sempre exercida pelos homens, pois a relação entre gênero, relações sociais e de poder são dinâmicas e históricas. Basta pensar, por exemplo, em casos como os de Clara de Assis, que emerge

² Cf. <<http://am730.com.br/dom-orani-comenta-processo-de-beatificacao-de-odetinha/>>. Última consulta em 23/01/2017.

dos textos medievais de forma aparentemente ambígua. Em suas cartas apresenta uma postura de liderança, afirmando que o mais importante é cumprir o que foi prometido a Cristo, mesmo que para tal tenha que resistir a outras autoridades.³ Nas hagiografias que retratam a sua trajetória, predomina uma imagem de Clara como um modelo para o sexo frágil (*infirmiori sexu*) seguidora de Francisco, que obedece às ordens das autoridades eclesiásticas.⁴

Marcelo Lima: *Como a questão do sujeito histórico se coloca para o(a) medievalista dedicado(a) aos Estudos de Gênero?*

Andréia Frazão: Para o medievalista que realiza pesquisas no campo dos Estudos de Gênero, não há um sujeito neutro nem universal. Aliás, a ideia de um sujeito autônomo, racional e autogerado é uma proposição da teoria liberal. Desta forma, o estudioso, ao pesquisar sobre o medieval, é marcado pela organização social em que está inserido. Os conhecimentos produzidos pelos acadêmicos são, portanto, parte da organização social em que vivem e não ideias objetivas produzidas fora dela. Por outro lado, as pessoas que viveram no período que denominamos como Idade Média - e deixaram os vestígios que são analisados pelos medievalistas - também não podem ser vistas como sujeitos neutros, mas socialmente instituídos, que mantinham relações de poder entre si e eram constituídos de saberes, deixando tais marcas nos testemunhos que nos legaram.

Marcelo Lima: *Alguns ramos da chamada História das Mulheres têm se preocupado em pesquisar as condições, situações e posições das mulheres, enfatizando, muitas vezes, as linguagens, identidades e experiências femininas de diversos indivíduos e grupos sociais ao longo do tempo. Com frequência, a*

³ Como na *Segunda Carta a Inês de Praga*. "Não confie em ninguém, não consinta com nada que queira afastá-la desse propósito, que *seja tropeço no caminho* (cfr. Rm 14,13), para não *cumprir seus votos ao Altíssimo* (Sl 49,14) na perfeição em que o Espírito do Senhor a chamou"/ "nulli credens, nulli consentiens, quod te vellet ab hoc proposito revocare, quod tibi *poneret* in via *scandalum* (cfr. Rom 14,13), ne in illa perfectione, qua Spiritus Domini te vocavit, *redderes Altíssimo vota tua* (Ps 49,14)". Disponível em < http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes-leitura?id=613&parent_id=525> Última consulta em 23/01/2017.

⁴ Como na *Legenda de Santa Clara*. Disponível em http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes-leitura?id=951&parent_id=950 Última consulta em 23/01/2017.

Medievalística tem apontado as dificuldades e problemas gerados pelo elitismo e pela falta das documentações inerentes a certas épocas. Como os Estudos de Gênero contribuem para superar esse impasse?

Andréia Frazão: Os documentos, ou vestígios, não são “pontes diretas” para o passado. Em primeiro lugar, são lacunares. Sobre diversos eventos e aspectos das organizações sociais medievais certamente não foi preservado qualquer tipo de testemunho. E mesmo os preservados foram transmitidos no decorrer dos séculos, em muitos casos sofrendo grandes alterações. Isto não se aplica unicamente aos documentos legados pelo período medieval e é uma questão que pesquisadores sobre outros períodos históricos também precisam enfrentar. Os Estudos de Gênero pós-modernistas não possuem a preocupação de descrever e discutir as condições, as situações e as posições das mulheres no passado ou suas relações com os homens. Assim, os documentos que fazem referências diretas às “coisas de mulher” ou às relações entre os sexos não são privilegiados. E como tal perspectiva teórica questiona a própria ideia essencialista de mulher, seus escritos também não são considerados preferenciais. Na perspectiva dos Estudos de Gênero pós-modernistas os documentos não funcionam como uma prova para ilustrar teorias sobre a organização social ou como meios para acessar o passado, mas são analisados com o objetivo de compreender como se constituem, perpetuam-se e atuam os saberes sobre as diferenças sexuais nos diferentes grupos sociais e nas relações de poder.

Marcelo Lima: *Atualmente, em especial, em função dos intensos debates sobre os direitos homossexuais ligados à união estável, os Estudos de Gênero têm posto em evidência a referência heterossexual dos discursos e práticas sociais, demonstrando como ela tem atuado na constituição de identidades, normas, instituições, relações de poder etc. Como fica a relação entre normatividade heterossexual e corpos abjetos para a Idade Média? Esse é um problema relevante para a Idade Média e para a Medievalística?*

Andréia Frazão: Alguns autores têm proposto que a heterossexualidade, assim como a ideia de homossexualidade, é uma construção histórica. Como é possível concluir por diversos textos do período medieval, não existia a noção de orientação sexual que nos é tão cara hoje. A sexualidade era pensada, sobretudo, em termos de práticas vistas como naturais ou antinaturais, não de normatividade heterossexual, ou seja, das relações sexuais realizadas por um homem e uma mulher. Dentro desta perspectiva, só era considerado natural o ato sexual com penetração vaginal, quando o homem era ativo (penetrador) e a mulher passiva (penetrada). Qualquer outra forma de ato sexual era considerada antinatural, como, por exemplo, a prática da sodomia, ou quando uma mulher atuava de forma ativa, penetrando um homem ou mulher, ou ainda os atos sexuais de humanos com animais. Ou seja, a condenação medieval de certos atos sexuais não significa que imperava a normatividade heterossexual naquela sociedade, já que o ponto central da questão não era, como hoje, o desejo, mas os atos contra a natureza. Desta forma, é possível pensar em uma relação entre sexualidade e corpos no medievo marcada por uma funcionalidade natural atribuída aos órgãos sexuais. Os corpos que rompiam com o natural eram, portanto, abjetos, desprezíveis, perigosos e deveriam ser extirpados. Esta discussão, certamente, era importante para alguns grupos da sociedade medieval, como permitem concluir as reflexões e normativas sobre o tema propostas por teólogos, juristas e eclesiásticos. Para os medievalistas também é uma questão importante, visto que os direitos dos homossexuais é tema de saberes que constituem a sociedade brasileira atual.

Marcelo Lima: *Quais suas expectativas para o desenvolvimento das relações entre os Estudos de Gênero e a Medievalística no Brasil? O que é preciso fazer para viabilizar mais e melhores pesquisas sobre essa conexão?*

Andréia Frazão: Sou otimista e creio que a união entre os Estudos de Gênero e a Medievalística ainda irá render muitos frutos acadêmicos no Brasil. Aposto não só numa expansão numérica, mas na qualidade das análises. Para viabilizar as pesquisas, creio que é importante dar continuidade aos trabalhos

já realizados, como organizar Simpósios Temáticos em eventos acadêmicos; congregar os pesquisadores em grupos de pesquisa; manter o diálogo com estudiosos de outros períodos históricos e de outras áreas do conhecimento, tanto do Brasil quanto do exterior; formar novos pesquisadores; divulgar os resultados de pesquisa utilizando diversos suportes, como sites, artigos, livros e em congressos.

Referências

BREISACH, E. **Sobre el futuro de la Historia**. Valência: Universitat de Valência, 2009.

FLAX, J. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). **Modernismo e Política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, pp. 217-250.

JENKINS, K. **A História Repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.

LAQUEUR, T. **Inventando o Sexo. Corpo e Gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, 2001.

MACHADO, Paula Sandrine. O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 24, p.249-281, janeiro-junho de 2005.

MATOS, M. I. História das mulheres e gênero: usos e perspectivas. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 3, n. ½, p. 35-50, 1996.

MUNSLOW, A. **Desconstruindo a História**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SCOTT, J. **A Cidadã Paradoxal. As Feministas Francesas e os Direitos do Homem**. Florianópolis: Mulheres, 2002.

_____. A Useful Category of Historical Analysis. **The American Historical Review**, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, Dec., 1986.

_____. **Gender and Politics of History**. Revised Edition. New York: Columbia University Press, 1988.

_____. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.3, p. 11-27, 1994.

_____. História das Mulheres. In: BURKE, P. (Org.) **A Escrita da História**. Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992. p. 63-96.

Recebido em: 12/12/2016

Aprovado em: 31/12/2016